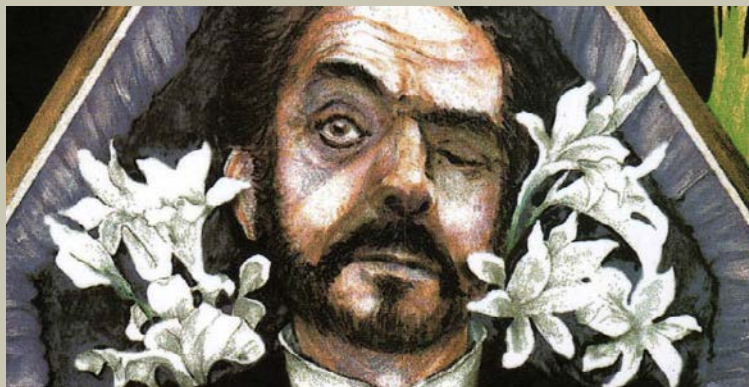


CRÍTICAS
PÓSTUMAS

Carla Pedrosa

“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico com saudosa lembrança estas memórias póstumas”. Assim começa a narrativa do romance “Memórias póstumas de Brás Cubas”, escrito pelo célebre Machado de Assis. No livro, o Brás Cubas morto narra as memórias do Brás vivo, expondo inclusive seus defeitos, as futilidades e privilégios da elite brasileira do século XIX. Com um mesmo tom sarcástico e crítico, no cinema a obra ganhou vida duas vezes. Em 1985 foi lançado “Brás Cubas”, com direção de Júlio Bressane e em 2001, “Memórias Póstumas”, na versão dirigida por André Klotzel. Tanto o livro, quanto as adaptações cinematográficas trazem um convite à reflexão sobre a fragilidade e mesquinhez do gênero humano.



Reprodução

Especial

Descolonizando
a leitura

Alexandre Vilaça

Com mais de 250 milhões de falantes, o português é considerado o quarto idioma mais falado do mundo, registrando uma das taxas de crescimento mais elevadas na Internet, nas redes sociais, na aprendizagem como língua estrangeira e, claro, também na literatura. Para comemorar a exuberância do idioma, o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura é celebrado no dia 5 de maio em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e no Brasil.

A data foi instituída em 2009 pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, em uma decisão do XIV Conselho de Ministros da CPLP, realizado em junho de 2009, em Cabo Verde. O objetivo da comemoração é reafirmar a importância da língua portuguesa como meio de difundir as diferentes culturas entre os países que falam português e projetar internacionalmente os valores culturais do idioma.

Ao celebrar a literatura em língua portuguesa, não há como deixar de citar “Os Lusíadas”, de Luís de Camões, “O primo Basílio”, de Eça de Queirós, ou “Ensaio sobre a



Matias Mesquita

Agostinho Neto, além de exímio escritor, lutou pela libertação da Angola, tornando-se o primeiro presidente do país.

Cegueira”, de José Saramago. Mas precisamos inverter o olhar, descolonizá-lo, e assim atentar para a escrita, por exemplo, do cabo-verdiano Corsino Fortes, em “Pão e Fonema”, dos angolanos Agostinho Neto, com “Sagrada Esperança”, e Uanhenga Xitu, em “Maka na Sanzala” e “Manana”, ou ainda dos guineenses Hélder Proença, com “Não posso adiar a palavra” e Odete Semedo, com “No fundo do canto”.

Todos esses livros estão disponíveis no Sistema de Bibliotecas, principalmente na Biblioteca Prof. Rubens Costa Romanelli, da Faculdade de Letras, que possui acervo especial de escritoras e escritores africanos. E viva a diversidade cultural dos países que falam português!

Na literatura erótica, nas obras sobre a diversidade sexual, na imprensa, na história dos livros... A censura sempre esteve presente em diversos níveis e facetas, mesmo que camuflada. As páginas deste Conexão Biblioteca nos convidam a pensar sobre essas e outras maneiras simbólicas e físicas de repressão que ainda nos assombram na atualidade.

A matéria de capa mostra que a “queima” dos livros ainda está presente na falta de cuidado com os exemplares das bibliotecas, que afeta não só seus aspectos físicos, mas também o conteúdo imaterial.

“Livros de ouro”, na página 6, fala sobre a conservação de obras preciosas, cuja importância está inclusive nos detalhes da encadernação e nas particularidades dos acervos.

Em “Cinema pra ler”, o filme escolhido para dialogar com o tema abordado na capa, “Fahrenheit 451”, mostra como a queima de livros é uma tentativa de destruir o que eles despertam na alma e no intelecto humanos.

Já na ficção literária, muitos queriam ver a biblioteca de Dom Quixote em ruínas, alegando que os livros o levariam à loucura! Na página 7, o Conexão coloca “Em destaque” esse clássico, no momento em que são lembrados os 400 anos de morte de Miguel de Cervantes, escritor que deu vida ao personagem Dom Quixote de la Mancha.

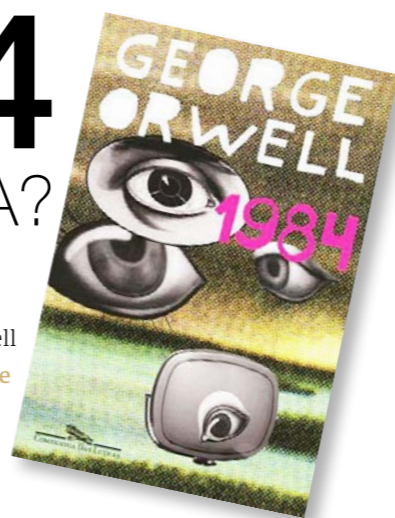
Cada uma dessas matérias pretende despertar não só reflexões, mas também o riso e o espanto, ao mostrar como a literatura pode ser libertadora e assustadoramente sincera.

Deleite-se!

Carla Pedrosa
coordenadora da Divisão de
Comunicação do Sistema de
Bibliotecas da UFMG

1984 É AGORA?

Dica: 1984 – George Orwell
Disponível no Sistema de Bibliotecas da UFMG



Marcelo de Carvalho Borges – professor do Departamento de Desenho da Escola de Belas Artes da UFMG

O romance distópico escrito por George Orwell, em 1948, retrata uma sociedade totalitária onde todos os atos e as falas dos indivíduos são monitorados e reprimidos pelo Estado. O livro conta a história de Winston Smith, funcionário público do baixo escalão, que leva uma vida miserável. Seu trabalho é alterar registros e notícias, para que as informações sobre o passado e a história estejam sempre conforme os interesses da propaganda política vigente.

Winston inaugura uma sequência de ações que o enredam numa trama de transgressão e paranoia. Neste regime, qualquer ato autônomo representava um desvio: “A coisa que estava prestes a fazer era começar um diário. Não era um ato ilegal (nada mais era ilegal, pois não havia mais leis), porém, se o fato fosse descoberto, seria praticamente certo de que seria punido com a morte, ou no mínimo vinte e cinco anos de prisão num campo de trabalhos forçados”.

Diversos termos apresentados por Orwell em 1984 estão presentes em nossa cultura, para se referir à vigilância excessiva ou ao desrespeito à privacidade dos cidadãos. Por exemplo, o “Grande Irmão” ou “Big Brother” representa a figura máxima do governo, sempre observando os indivíduos através das telas de TV instaladas em toda parte.

Apesar de parecer remoto, o mundo retratado por Orwell encontra correspondências com a história, como na repressão imposta pelo fascismo e o nazismo. E ainda hoje está presente na influência que os conglomerados de mídia exercem na opinião pública brasileira, impondo apenas uma versão dos fatos.

Esse é o seu espaço!
Envie uma sugestão de leitura para:
comunicacao@bu.ufmg.br

Literatura a favor da diversidade

Alex Vilaça

Quando nasceu, a princesa da IlhaAnã foi chamada de João. Achavam que ela era um menino por causa das características físicas distintas das mulheres. Aos sete anos, fez um pedido de aniversário aos pais, deixando-os atônitos: “De presente, quero que me chamem de Joana para sempre. Eu sou uma menina!”. Essa é a história de “Joana Princesa”, livro infanto-juvenil da psicóloga Janaína Leslão.

Cansada dos contos de fadas que terminam com a princesa e o príncipe felizes para sempre, Janaína decidiu questionar, na literatura, padrões normativos de gênero e sexualidade. A ideia veio depois de a escritora perceber que não havia material para crianças sobre o assunto. “Cada um no seu espaço e à sua maneira pode contribuir para uma sociedade menos intolerante. É óbvio que não vou mudar o mundo com os livros que escrevo, mas espero que façam sentido na vida de algumas pessoas”, conclui a autora em matéria publicada este ano na Rede Brasil Atual.

E as contribuições da literatura em prol da diversidade vão além. No livro “Viagem Solitária – memórias de um transexual 30 anos depois”, João Nery, ao relatar sua experiência, ajuda a alavancar discussões de temas como a despatologização da transexualidade e a mudança do nome civil. “Nunca imaginei que ao lançar esse livro minha vida mudaria radicalmente. Não mais como um *freak* de Joana para João, mas como um elemento visibilizador de um segmento praticamente desconhecido – os transhomens”, revela João em texto publicado no ano de 2014 na plataforma Museu da Pessoa.



Márcio Alves

Apesar dos avanços, ainda há pouco conteúdo sobre essa temática no Brasil. João Nery aponta que o problema começa ainda na educação infantil. “Há um despreparo no trato da população transgênera, começando pela família e escola, que não têm projetos político-pedagógicos que contemplem a diversidade sexual. Não só a criança, como também o adolescente, precisa de orientação e apoio emocional para enfrentar essas questões”, afirma.

Dose de Literatura

“Por que os papas, ao invés de discursos lengalenga, não arrancam as vestes, não pulam daquela cadeirinha, não ficam nus e nus não discursam um texto veemente, apaixonado e colérico amaldiçoando os canalhas? Não adianta ficar voando de ceca em meca beijando o chão. Não, deviam postar-se nus numa praça e ali permanecer até que os homens entendessem que é preciso acabar com todas as cloacas do poder.”

Publicado em 1990, o livro “Contos d’escárnio: textos grotescos” faz parte da trilogia pornográfica de Hilda Hilst, projeto que critica a submissão de obras literárias às leis do mercado. Leia mais sobre literatura erótica na matéria “Sem tabus”, na última página deste informativo.



Dupiana Gomes

SEM TABUS

livros eróticos em cena

Alex Vilaça

Obsceno é sinônimo do que deve ficar na escuridão dos bastidores. No século III, o “Kama Sutra”, por exemplo, foi considerado obsceno por explicitar textos eróticos que, na época, deveriam permanecer fora de cena.

Fato é que, ao longo da história da literatura, obras-primas foram censuradas pelo conteúdo erótico, em nome da “moral e dos bons costumes”. “A censura se relaciona com a moral do seu momento histórico, sendo, portanto, cambiável ao efeito obsceno que o status da arte proporciona”, afirma Rodrigo Gerace, doutor pela Escola de Belas Artes da UFMG, no livro “Cinema explícito – Representações cinematográficas do sexo”.

O contista Marquês de Sade foi censurado séculos após sua morte. Entre os contos do libertino, destacam-se “Os 120 dias de Sodoma” e “O corno de si mesmo”.

A moral, no entanto, é seletiva. Alguns textos sobre temas problemáticos, como incesto e pedofilia, não foram censurados. “Anti-Justine”, de Bretonne, “O Novo Epicuro”, de Sellon, “Autobiografia de uma pulga”, de Rhodes, “Lolita” e “Ada ou ardor”, ambas de Nabokov, são algumas das obras mais polêmicas. O inglês Charles Swinburne, por exemplo, publicou anonimamente “Flossie, a Vênus de Quinze Anos”, em 1897, para escapar da censura. Segundo a sinopse, o clássico conta a história “de amor e desejo” entre um capitão e a jovem Flossie, de apenas 15 anos. Nessas obras e “na indústria do livro, a mulher não escapa de ser representada sob um olhar machista”, escreve o pesquisador Johnny Martins, da Universidade Federal da Paraíba, no artigo “Escrita Erótica”, publicado em 2015, na revista Continente.

Muito além de cinquenta tons

Críticas ao best-seller “Cinquenta Tons de Cinza”, da autora Erika Leonard James, apontam que o livro naturaliza abusos e preconceitos contra a mulher. Mas há autoras que abordam o tema de maneira distinta.

Anãis Nin, por exemplo, versa sobre o sexo não só nos aspectos físicos, mas também psicológicos. Nas palavras da autora, “o erotismo é uma das bases do autoconhecimento, tão indispensável quanto a poesia”.

A exploração de temas considerados polêmicos fez com que Anãis Nin fosse tabu por décadas. “Pequenos pássaros” e “Delta de Vênus” são obras da escritora que, mais do que contos eróticos, são histórias de libertação e superação.

Outra escritora de destaque é a brasileira Hilda Hilst, cuja trilogia erótica – “O caderno rosa de Lori Lamby”, “Contos d’escárnio: textos grotescos” e “Diário de um sedutor” – é uma distinção em sua produção literária. A autora foi excluída do mercado editorial por décadas, tornando-se uma escritora “maldita” por colocar em prática “procedimentos de transgressão e profanação em sua obra”. É o que mostra a pesquisadora Fernanda Shcolnik, da Uerj, no artigo “Hilda Hilst: escritora maldita?”, publicado em 2014, na revista Estação Literária.

Ainda no Brasil, alguns escritores também se aventuraram na escrita erótica, como Nelson Rodrigues, em “Engraçadinha”, e João Ubaldo Ribeiro, com “A Casa dos Budas Ditosos”. Escrito no feminino, este livro é a narração em primeira pessoa de uma baiana de 68 anos, que “jamais se furto a viver – com todo o prazer e sem respingos de culpa – as infinitas possibilidades do sexo”. A história por trás da obra é ainda mais interessante. O autor relata que recebeu em casa um misterioso pacote, com a transcrição datilografada de várias fitas, gravadas por uma mulher anônima. Seria um relato verídico ou não passa de ficção? Fica a dúvida e o convite para se deleitar com a leitura dessa e de outras obras da literatura erótica disponíveis nas bibliotecas da UFMG.

Expediente

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais – Biblioteca Universitária – **Diretor:** Wellington Marçal de Carvalho – **Vice-Diretora:** Anália Gandini Pontelo – **Projeto Gráfico:** Anna Luisa Cunha – **Capa:** Raphaela Fernandes. Interferência Gráfica em texto de Jean de La Brète – **Editora:** Carla Pedrosa (Reg. Prof. 0015822MG) – **Coordenador de Design:** Marcelo de Carvalho Borges – **Bolsistas:** Alex Vilaça, Dayane Gomes, Lívia Araújo e Raphaela Fernandes – **Impressão:** Imprensa Universitária – **Tiragem:** 4.000 exemplares – Circulação bimestral – **Endereço:** Biblioteca Universitária – **Assessoria de Comunicação Social:** Av. Antônio Carlos, 6.627 / sala 212 – 2º andar, Campus Pampulha, CEP 31.270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Telefone:** (31) 3409-5521 – **Internet:** www.bu.ufmg.br e comunicacao@bu.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG

IMPRESSO